

POSTURAS DE AGENCIAMENTO ATRAVÉS DO *TELETANDEM* NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO

GABRIELA RODRIGUES BOTELHO¹

RESUMO

O presente trabalho segue as práticas da Linguística Aplicada ao unir educação e tecnologia digital como componentes da construção de conhecimento e reflexão a respeito do uso do ciberespaço para o ensino de línguas estrangeiras (LEFFA, 2002; LA CORTE, 2015). Assim, desenvolvemos um projeto piloto na Universidade Federal de Sergipe, para prática de *Teletandem* entre licenciandos brasileiros da graduação em Letras/Espanhol e equatorianos estudantes do curso Português para Estrangeiros. Neste trabalho, analisamos as perspectivas dos participantes no que se refere ao princípio de autonomia (PAIVA, 2006) e sua implicação no desenvolvimento da expressão oral e da agência (JORDÃO, 2010), com base nos pressupostos da aprendizagem colaborativa (COSER, 2014). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de tipo exploratória e metodologicamente classificada como um estudo de caso (GIL, 2002). Os resultados apontaram que diferentes níveis de autonomia foram alcançados durante a execução do *Teletandem*, em relação à organização e disciplina para o estudo; ao incentivo à diferentes formas de aprendizagem além da sala de aula, seja através de pesquisas independentes ou no contato com o outro; e na prática espontânea de espanhol. Entendemos que essas posturas podem ser indícios da tomada de conscientização necessária para alcançar a agência enquanto aprendizes de língua, estudantes universitários em formação ou mesmo como forma de atuação no meio social.

Palavras-chave: Expressão oral, Espanhol, Autonomia, Aprendizagem Colaborativa.

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, gabibotelho@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O desafio de engajar os alunos/as/es na aprendizagem de línguas, fazendo com que se comprometam com seu próprio desenvolvimento e resultados, é uma tarefa constante. Na universidade esse desafio se mostra mais latente, uma vez que estamos preparando profissionais que devem ser independentes na sua área de atuação. Buscando favorecer esse engajamento, como parte da pesquisa monográfica para a Especialização em Multiletramentos na Educação Linguística e Literária em Espanhol², aplicamos um projeto piloto na Universidade Federal de Sergipe (UFS) denominado *Teletandem Brasil-Ecuador*, que viabilizou a prática de expressão oral em língua estrangeira (LE), através da tecnologia digital, entre alunos/as/es³ brasileiros do curso de licenciatura em Letras com habilitação em espanhol e equatorianos aprendizes de português para estrangeiros.

O *Teletandem* é uma proposta de interação virtual para prática de expressão oral em LE na qual duas pessoas ou mais interagem, ora usando a sua língua materna e auxiliando a aprendizagem dessa língua por parte do colega, ora em LE quando o falante mais proficiente ajuda o outro. Para Telles e Ferreira (2010) não se trata de um método de conversação, mas um contexto autêntico de prática linguística, no qual é possível compartilhar múltiplos conhecimentos, sendo os participantes falantes naturais de um dos idiomas ou não.

Neste trabalho, nosso objetivo é identificar a perspectiva dos interagentes brasileiros de *Teletandem* em relação ao desenvolvimento do princípio de autonomia, para entender como esse princípio influenciou em posturas de agenciamento e em que medida contribuiu para o desenvolvimento da oralidade em língua espanhola.

A pesquisa se enquadra no campo teórico da Linguística Aplicada (LA), que busca vincular as práticas de linguagem no meio virtual ao ensino de línguas, compreendendo esse processo como resultante das adaptações sociais, devido ao alcance das tecnologias digitais, que refletem na educação (LEFFA, 2002; LA CORTE, 2015). Para analisar os dados

2 Especialização ofertada pelo Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe, na qual a autora era discente.

3 Para facilitar a leitura do texto doravante omitimos a flexão de gênero. No entanto, sempre que nos referimos a interagentes, alunos, participantes, estudantes, respondentes, etc., está incluso alunos, alunas, alunes, por exemplo.

obtidos, pautamo-nos na concepção de agência, pois entendemos que favorece a interação virtual ao ampliar posturas de engajamento na construção de sentidos, através do contato com a diferença na fronteira com o outro (JORDÃO, 2010). Nesse viés, autonomia (PAIVA, 2006) e colaboração (COSER, 2014) também são conceitos mobilizados, uma vez que são próprios do contexto de aprendizagem, sobretudo, no que se refere ao uso de recursos digitais.

A pesquisa segue a abordagem qualitativa, de tipo exploratória, classificada como um estudo de caso único intrínseco, ou seja, "aquele em que o caso constitui o próprio objeto da pesquisa. O que o pesquisador almeja é conhecê-lo em profundidade, sem qualquer preocupação com o desenvolvimento de alguma teoria" (GIL, 2002, p. 138). Para tanto, analisamos as respostas de quatro perguntas sobre autonomia, através do questionário aplicado como atividade final do projeto. Os resultados indicaram que o contexto de aprendizagem propiciado pelo **Teletandem** é favorável ao aprimoramento da autonomia. A colaboração é um aspecto menos presente, porém importante, contribuindo para que habilidades linguísticas, pessoais e coletivas sejam alcançadas. Já as posturas de agenciamento são inerentes ao andamento das interações e devem emergir, em diferentes medidas, ao longo do desenvolvimento dos interagentes.

Organizamos o capítulo em três partes, além desta introdução e da conclusão. Primeiramente, apresentamos o **Teletandem** e sua aplicação na UFS. Em seguida, discutimos a fundamentação teórica sobre agência, autonomia e aprendizagem colaborativa. Na terceira parte, analisamos as respostas dos interagentes.

TELETANDEM E A PRÁTICA DE EXPRESSÃO ORAL

A primeira experiência do **Teletandem** no país, foi em 2006, através do projeto **Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos** da Universidade Estadual Paulista (Júlio de Mesquita Filho - UNESP). Desde então, várias universidades passaram a utilizar esse formato como prática da expressão oral em LE. Entretanto, a interação em **Tandem** é mais antiga. Iniciando nos anos 1960 na Alemanha, quando no final dos cursos bilíngues era promovida a prática LE, presencialmente, através de diálogos prontos. Com as mudanças metodológicas no ensino de línguas e devido ao avanço tecnológico, a conversação em **Tandem** passou a ser mais espontânea e em algumas ocasiões feita a distância, primeiro por carta, e logo mediada por telefone, computador (através do e-mail, o chamado

e-tandem) e atualmente também no formato de chamadas de áudio e vídeo em tempo real o **Teletandem**.

As interações, como chamamos as sessões de conversas no contexto do **Teletandem**, vão além dos encontros propriamente, pois, partindo do verbo **interagir** temos o sentido que se espera desse contato. Por isso, pensamos o termo interação como definido em La Corte (2015, p. 91): "tanto como lugar concreto de encontro entre sujeitos sociais, empíricos, que trocam informações e que têm objetivos comuns, quanto como lugar de trocas simbólicas que são produzidas em situação de enunciação". Portanto, interagente seria quem se envolve na participação das interações, quem interage realizando o intercâmbio linguístico.

O **Teletandem** se baseia em três princípios. Sobre a separação das línguas Aranha e Cavalari (2014, p. 186) afirmam "cada língua deve ter o seu momento de prática, o que promove uma dedicação equilibrada às duas línguas". Entendemos que este primeiro princípio organiza a comunicação e permite os interagentes perceberem quando a interlíngua está sobressaindo, em detrimento da língua que se quer utilizar naquele momento. A partir desse princípio os participantes devem definir uma quantidade igual de minutos para falar em cada uma das línguas que se pretende praticar, de modo a evitar a mescla dos idiomas.

Consideramos que separar as línguas é uma forma de praticar, também, o princípio de reciprocidade. Vassallo e Telles (2009, p. 22) defendem que "tal princípio promove a autoestima e coloca os parceiros em posições de equidade". A partir da reciprocidade é possível deixar a interação equilibrada e proveitosa para ambos interagentes. Quanto ao terceiro princípio os autores afirmam:

O **Princípio da Autonomia** é, por certo, importante porque ele parece controlar os níveis de responsabilidade e poder que o falante proficiente pode ter sobre o processo de aprendizagem do parceiro. Os participantes do tandem nunca estão sozinhos em seus processos. Cada um deles pode ser apoiado e incentivado, por meio de esforços colaborativos, por seu parceiro mais proficiente. Acreditamos que os parceiros de tandem devam assumir uma quantidade razoável de responsabilidades em seus próprios processos de aprendizagem da língua estrangeira (VASSALLO; TELLES, 2009, p. 23).

Observamos na citação que a autonomia no **Teletandem** não ocorre de forma isolada, como se cada participante a exercesse independentemente

do colega. Pelo contrário, é vista como parte da relação estabelecida na parceria, desse modo, não se distancia da colaboração.

Devido ao seu formato flexível, o **Teletandem** pode ser realizado de diversas maneiras. Na UFS, optamos pela modalidade institucional não integrado, quando há duas instituições parceiras que proporcionam o contato entre seus alunos, mas nesse caso, a proposta não é vinculada a nenhum curso ou disciplina dessas instituições. Durante o projeto piloto os participantes brasileiros interagiram do laboratório de línguas do Departamento de Letras Estrangeiras (DLES) na UFS e os participantes equatorianos interagiram de suas casas. Para tanto, fizemos uma parceria com o instituto de idiomas Casa do Brasil Internacional, sediado em Quito no Equador, do qual foram selecionados sete alunos do curso de Português para Estrangeiros que, interagiram com dez alunos do curso de licenciatura em Letras Espanhol da UFS, entre janeiro e fevereiro de 2019.

Nesse período, realizamos três encontros preparatórios em formato de minicurso, nos quais participaram somente os interagentes brasileiros. Nesses encontros, apresentamos a proposta do **Teletandem** e discutimos sobre os princípios de separação das línguas, reciprocidade e autonomia. Após a formação das duplas e trios de conversação, realizamos oito encontros virtuais com todos os participantes, através do programa **Skype**, para interação em português e espanhol. No último encontro, somente com os brasileiros foi aplicado o questionário final do qual analisamos aqui quatro questões.

Portanto, a amostra selecionada para análise deste trabalho é referente aos dez interagentes brasileiros, doravante IB (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 ou 10); usamos essa nomenclatura para manter sigilo sobre a identidade dos participantes e porque na pesquisa IB se contrapunha a IE (interagente equatoriano). A seleção dos participantes brasileiros se deu pelos seguintes critérios: ser aluno da disciplina de prática oral II (ministrada pela pesquisadora na licenciatura em Letras); ter disponibilidade de horário compatível com o período dos encontros; e se comprometer em realizar as atividades de monitoramento para a pesquisa e reflexão sobre a prática da expressão oral de forma voluntária.

Ao longo das interações incentivamos os participantes a apresentarem seus interesses de conversa e dúvidas linguísticas ao colega, para que pudessem negociar o andamento dos encontros. Para tanto, pautamo-nos em conceitos como autonomia, agência e aprendizagem colaborativa que serão desenvolvidos no próximo tópico.

AGÊNCIA, APRENDIZAGEM COLABORATIVA E AUTONOMIA

As experiências de aprendizagem no contexto do *Teletandem* têm se mostrado exitosas em diversos âmbitos, como na aquisição incidental de vocabulário, gramática, expressões idiomáticas e trocas culturais, além de familiarizar os participantes com o meio virtual no uso de áudio, vídeo, chat, lousa interativa, etc. A ambientação amigável favorece os processos de negociação, definição de estratégias de aprendizagem e tomadas de decisão. Já a troca de saberes que o contexto proporciona e a autenticidade exigida na conversação otimizam a busca de construção de sentido na linguagem (FIGUEIREDO; SILVA, 2016).

As características mencionadas, podem indicar o favorecimento desta proposta para o desenvolvimento da agência dos participantes, já que, exige controle da situação sem desconsiderar o companheiro e ao mesmo tempo demanda equilíbrio no exercício do poder. Considerando a heterogeneidade dos sujeitos e suas capacidades de ação, entendemos que,

O conceito de agência está nesse mesmo quadro de referência: ela é a interpolação discursiva de diferentes formas de representação (de si mesmo e dos outros) e sua transformação. Mais ampla do que a ação específica e necessariamente visível, agência não pressupõe um plano claro e pré-estabelecido para alcançar resultados desejados: agência refere-se à ação construída no processo discursivo de construção de sentidos, na produção e estabelecimento de discursos que definem e categorizam pessoas, ideias, conhecimentos e formas de conhecer. Agência é portanto uma forma de intervir no processo discursivo de construção de sentidos e representações do mundo (JORDÃO, 2010, p. 432).

As definições expostas pela autora se fazem necessárias durante a prática de *Teletandem* pois é preciso que os participantes estejam comprometidos com os processos exigidos por essa modalidade de interação. Decisões objetivas sobre o gerenciamento da comunicação, das sessões, do período de interação e interesses de aprendizagem, ou mesmo, formas de lidar com suas próprias subjetividades e com a subjetividade do outro, são habilidades requeridas. Tais atribuições nem sempre são comuns nos interagentes, de modo que a participação em um projeto como esse torna-se uma oportunidade de desenvolvimento dessas aptidões. De igual maneira, a agência é algo a ser desenvolvido em cada sujeito, na condução e apropriação do uso da linguagem, no contato com o diferente,

na necessidade de resistência, no gerenciamento de poder, e tomada de consciência desses processos em cada situação social (JORDÃO, 2010).

A autora alerta que as maneiras de saber, produzir e distribuir conhecimento ainda se baseiam em formatos colonizadores. Dentre as características mais marcantes no ensino de línguas prevalece a ideia de falante nativo como superior e não nativo como inferior, além do prestígio linguístico das antigas metrópoles; a visão de língua como produto, gerando lucro e consumo, em vez de ser vista como um bem cultural; e a estruturação do ensino/aprendizagem nos moldes internacionais (JORDÃO, 2010). Essas características engessam o ensino limitando-o às práticas de assimilação e treinamento do uso da língua. A resistência diante de tais concepções pode levar a outras formas de construção de conhecimento, aprendizagens mais significativas para os alunos e efetivas no uso da linguagem.

Nesse viés, a autora relaciona o conceito de agência à educação e ao ensino de línguas, uma vez que a linguagem é a primeira possibilidade de construção de entendimento, conflito, resistência, ou seja, posicionamento no mundo. De acordo com Jordão (2010, p. 438) "discutir e permitir a transformação de perspectivas, conhecimentos e formas de construir sentidos é exercitar nossa capacidade de agência e permitir a outros que exerçam suas agências". Dessa maneira, o ensino de LE é lugar privilegiado, por comportar diferentes visões de mundo exigindo reflexão dos envolvidos nesse processo para que o conhecimento e os sentidos sejam construídos e não fixados como soluções estanques.

A prática de **Teletandem** requisita abertura para ditas reflexões tanto por não ter padrões estabelecidos, ampliando a liberdade de escolha e de empenho dos participantes para definir os caminhos da sua aprendizagem, quanto por incentivar a conscientização sobre os próprios interesses, limitações, desafios e capacidades. Entendemos que essa conscientização que leva ao agenciamento ocorre no contato com o outro, em termos colaborativos. No **Teletandem** a colaboração é vista como um "movimento de mão dupla – em diálogo com um interlocutor real, interessado e engajado em um objetivo comum ao meu" (COSER, 2014, p. 56). Dessa maneira, é no momento do diálogo que se concretiza as ações de agenciamento, seja ao colocar em prática o que havia sido acordado entre os interlocutores, seja na apropriação da linguagem e da LE durante a interação.

Ao estudar a aprendizagem colaborativa em ambiente virtual para a prática de línguas, Coser (2014, p. 57), aponta a negociação como uma característica desse contexto e explica que "quando se trabalha em comum

acordo levam-se em conta os passos e decisões do outro, enquanto trabalhar com o outro traz a ideia de divisão de trabalho entre duas ou mais partes, não necessariamente um trabalho edificado por essas duas partes dialogicamente". No contexto do **Teletandem** o trabalho colaborativo em comum acordo se faz necessário, pois é nesse ponto que a autonomia é exigida, em detrimento de uma simples cooperação.

Paiva (2006) revisa o conceito de autonomia a partir de variados autores e formas de entendê-lo e praticá-lo: seja como engajamento, atitude e responsabilidade na aprendizagem, nos interesses pessoais e no meio social; ou mesmo como uma técnica a ser desenvolvida e uma forma autodidata de aprender. Por fim, propõe uma definição mais abrangente:

Autonomia é um sistema sócio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula (PAIVA, 2006, p. 88).

A autonomia vista como um sistema complexo vai ao encontro da prática de **Teletandem**, pois essa atividade implica responsabilidade, atitude, clareza em seus próprios interesses enquanto interagente, capacidade de lidar com o ambiente virtual e de interagir com o outro. Desse modo, não se limita a desenvolver suas próprias habilidades, mas também em apoiar o desenvolvimento do parceiro, bem como, negociar o andamento da interação. Nesse sentido, entendemos a colaboração não apenas como uma forma de chegar a um resultado, mas principalmente como a participação e o aproveitamento da atividade como um todo, inclusive no engajamento das tomadas de decisões. Em outras palavras, a autonomia funciona como uma ação organizadora para otimizar as habilidades individuais e coletivas.

Definir a forma de dividir o tempo em que as línguas serão utilizadas, a forma de correção, quais aspectos linguísticos serão praticados, quais temas serão conversados, se a interação será por áudio e vídeo ou somente áudio, são algumas das decisões necessárias para estruturar as conversas, o que exige um postura autônoma nas escolhas. A responsabilidade com a aprendizagem também é um fator que estimula a autonomia no contexto do **Teletandem**, seja ao pesquisar sobre a LE e cultura do outro para melhor interagir; seja ao pesquisar sobre as dificuldades do colega para melhor auxiliá-lo. A dedicação e preparação para as interações é um modo de fazer esse momento mais proveitoso. Além desses pontos, é

preciso que cada interagente saiba lidar com sua própria personalidade e com a personalidade do outro, seja em casos de timidez, por exemplo, ou de extroversão, pois é natural que apareçam incompatibilidades de comportamento.

Destarte, podemos afirmar que apenas a cooperação não é suficiente para a prática da autonomia no *Teletandem* (COSER, 2014). Assim, nesse contexto é essencial que a negociação como atitude autônoma seja exercitada, para conseqüentemente proporcionar o agenciamento a partir de uma relação colaborativa. Na próxima seção, analisaremos a perspectiva dos interagentes em relação ao seu próprio desenvolvimento de autonomia.

A PERSPECTIVA DOS INTERAGENTES

Uma vez definido o que entendemos por agência, aprendizagem colaborativa e autonomia no contexto do *Teletandem*, nessa seção apresentamos as respostas dos participantes brasileiros quando indagados sobre o princípio de autonomia durante as interações. Metodologicamente, buscamos analisar se nas observações dos interagentes a autonomia é descrita como um sistema complexo, em relação à definição de Paiva (2006), e se pode ser relacionada à colaboração, como previsto em Coser (2014), ou se os interagentes se prenderam apenas às definições pontuais do termo. Buscamos identificar se nesse processo surgiram posturas de agenciamento (JORDÃO, 2010), que a partir da linguagem e da apropriação da LE demarcam posicionamentos e atitudes de protagonismo nas atividades.

Para melhor expor e analisar as respostas dispomos as informações em quatro quadros. Na primeira questão, destacamos as respostas dos interagentes brasileiros, doravante IB, que remetem a tomada de decisão e atitude. Palavras como independência, liberdade, "fazer fazendo", "prática direta", "buscar assuntos" demonstram o quanto a proposta do *Teletandem* flexibiliza o gerenciamento das interações de forma positiva. Em relação à colaboração destacamos a resposta do IB2, que valoriza o fato de ter liberdade de escolha, sem desconsiderar o parceiro. Assim, retomamos a definição de Paiva (2006) que vê na autonomia diferentes graus de controle sobre o processo de aprendizagem, de forma que, as interferências externas à língua também possam ser atenuadas. Vejamos as respostas:

Quadro 1: Questionário final - respostas referentes a pergunta 8

8. Após sua experiência no projeto, considere o quanto é importante o princípio de autonomia?		Respostas
IB1	É um grande ajudador para a vida como um todo, pois nos permite que façamos coisas que precisamos fazer para sermos bons profissionais.	
IB2	É importante pois nos permite buscar assuntos que mais gostamos ou que o parceiro tenha menos dificuldade em conversar.	
IB3	Para poder aprender o que realmente desejo de uma forma prática e direta.	
IB4	Aprender a fazer fazendo nos mostra que a autonomia é o princípio que nos permite errar, aprender e a fazer sempre em busca de um melhor resultado.	
IB5	não respondeu	
IB6	É importante para um aprendizado mais independente, focado em temas e assuntos do interesse de cada um, sem ser algo imposto, esse princípio cria uma liberdade para se aprender o que de fato interessa.	
IB7	Sim.	
IB8	Muito importante, não dá nem para dizer em uma nota de 0 à 10, quando se tem autonomia você se sente mais seguro na hora de se expressar.	
IB9	É importante, pois ajudará a manter uma comunicação agradável, sem interrupções.	
IB10	Extremamente importante, até mesmo para que o diálogo flua bem.	

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Ainda com base em Paiva (2006), buscamos identificar aspectos sócio-cognitivos nas respostas apresentadas. Em sua resposta o IB8, considera que a autonomia no *Teletandem* proporciona mais segurança ao usar a língua, pois, permite maior espontaneidade. Já os IB9 e IB10 destacam a fluidez e a comunicação como fatores otimizados a partir de uma abordagem autônoma. É possível compreender, que a flexibilidade do *Teletandem* somada a autonomia exigem dos participantes organização, envolvimento e atitudes em relação a sua própria aprendizagem. Entendemos que essas características foram positivas para os interagentes favorecendo a prática da LE. Vejamos os comentários sobre a pergunta 9:

Quadro 2: Questionário final - respostas referentes a pergunta 9

9. Foi difícil cumprir o princípio de autonomia? Por quê?		Respostas
IB1	Não. Porque sempre tive em mente que preciso me autodesenvolver, e procurar ao mínimo as pessoas, para que assim, cada vez mais eu tenha vontade de pesquisar por vontade própria.	
IB2	Não. Sempre que precisa de um apoio tinha, minha professora conselheira.	
IB3	Um pouco. Por causa da minha timidez.	
IB4	Não foi difícil. Porque eu sempre estou disposta a buscar conhecimento e tenho disciplina para começar e fazer o melhor que eu puder, no projeto que eu me determino a participar ou pôr em prática.	
IB5	Sim. Fez com que eu procurasse onde e o que ser melhorado.	
IB6	Um pouco, porque muitas vezes me vi sem assunto a ser abordado, pois o que parecia bom para mim, poderia não ser bom para o meu parceiro, porém creio a dificuldade estava em colocar os temas diários.	
IB7	Não, sempre tive em mente o que queria, minha meta é muito importante.	
IB8	Sim, acho que ainda mais quando você não sabe se a frase vai sair com coerência.	
IB9	Sim. Muita timidez envolvida.	
IB10	Um pouco, porque às vezes faltava assunto no momento, mas nada que não se resolvesse rapidamente.	

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

As respostas dos IB1, IB4 e IB7, relacionam a autonomia à tomada de atitude, disciplina e ação individual. Já os IB3, IB8, IB9, IB10 aparentemente julgaram não ter atitude ou conhecimento suficiente durante a conversação e desconsideraram a ação conjunta como prática de autonomia. Enquanto que os IB2 e IB6 consideraram como atitude autônoma solicitar ajuda e compartilhar as dificuldades com o parceiro ou mesmo com a professora. Para a IB5 a autonomia foi uma motivação para melhorar, mas não explica em quais aspectos.

Observamos que os interagentes que consideram o exercício da autonomia fácil, relacionaram o conceito principalmente à atitude individual. Do mesmo modo, quem considerou difícil, foi pela falta de atitude nessas ocasiões. Paiva (2006), defende que aprender sozinho é uma possível característica da aprendizagem autônoma, no entanto, não é um princípio. Assim, ajuda e colaboração é também atributo do aprendiz, por isso, faz parte do **Teletandem** que os parceiros se apoiem tanto na fluidez das conversas como nas decisões.

A percepção das próprias atitudes pode ser um caminho para o agenciamento na medida em que favorece a tomada de consciência dos processos a serem realizados, além de favorecer a busca por protagonismo nas ações. O relato do IB6, por exemplo, identifica dificuldades pessoais, na negociação e nas atividades estabelecidas. Embora nesse primeiro momento não encontre uma solução, as ponderações necessárias já estão feitas e podem ser um impulso para a ação. O mesmo ocorreu com os IB3, IB5, IB8, IB9 e IB10, todos demonstraram engajamento na busca por se colocar na interação, ainda que esbarrassem na insegurança linguística ou na própria subjetividade.

Considerando que é na prática discursiva do domínio da linguagem através das relações sociais que se concretiza a agência (JORDÃO, 2010), entendemos que aprendizagem no âmbito do **Teletandem** incentiva os participantes a desafiarem seus próprios limites e dificuldades na interação, na mesma medida em que se apoderam da LE. Nos relatos dos IB1, IB2, IB4 e IB7, é possível notar como o contexto de aprendizagem potencializa as posturas de agência, uma vez que para esses participantes tomar o protagonismo de suas ações é uma prática mais naturalizada, de modo que não se intimidaram diante da autonomia.

A pergunta 10 mostra como os interagentes se veem enquanto sujeitos autônomos e a partir dos comentários podemos entender quais significados de autonomia eles sustentam. A primeira definição vinda dos IB2 e IB6 cita organização e disciplina. As respostas dos IB1, IB4, IB5 e IB7

relacionam autonomia e atitude diante da aprendizagem. Enquanto que os IB8, IB9 e IB10 mencionaram autonomia à conversação e uso da língua. Observemos o quadro:

Quadro 3: Questionário final - respostas referentes a pergunta 10

10. Você se considera uma pessoa autônoma? Justifique.		Respostas
IB1	Sim. Porque sempre procuro por vontade própria pesquisar e buscar o que ainda desconheço.	
IB2	Sim, consigo me organizar tomar decisões, seguir com projetos, claro quando consigo me organizar.	
IB3	Às vezes.	
IB4	Sou autônoma. Sempre busco fontes de conhecimento para me dar elementos para que minha autonomia seja produtiva. Eu busco, eu faço, eu colaboro e sei pedir ajuda nos momentos necessários.	
IB5	Sim. Sempre procuro ter um posicionamento voltado para procurar as respostas ir atrás e resolver a dúvida. O que aconteceu durante o projeto.	
IB6	Sim, eu consigo me programar e desenvolver algo quando me interessa.	
IB7	Talvez, vai depender muito da ocasião, mas sempre procuro se independente.	
IB8	Sim, como eu gosto muito de falar eu arrisco algumas frases.	
IB9	Não. Ficava sem saber o que falar quando acabávamos de falar sobre outro assunto.	
IB10	Não muito, às vezes a timidez atrapalha um pouco.	

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

É recorrente a relação entre autonomia, organização, atitude e o uso espontâneo da língua, aspectos favorecidos no contexto do *Teletandem*, porém notamos dificuldade em perceber outras formas de exercer autonomia, como a colaboração. Em relação à agência, os respondentes que se consideraram autônomos demonstraram disposição em desafiar as expectativas impostas, seja ao demarcarem um posicionamento independente na busca de seus interesses pessoais e estudantis, sem esperar instruções alheias, como exemplificam os IB1, IB2, IB4, IB5, IB6. Ou mesmo ao desafiar as expectativas no uso da língua, negando-se à passividade diante da própria aprendizagem como aponta o IB8.

Na pergunta 11 solicitamos que apontassem práticas autônomas durante a realização do *Teletandem*. As respostas indicam que os participantes puderam agir autonomamente em duas ocasiões, durante as conversas e na sua preparação, como vemos no quadro abaixo:

Quadro 4: Questionário final - respostas referentes a pergunta 11

11. A sua experiência com o <i>Teletandem</i> exercitou sua autonomia? Dê exemplos.		Respostas
IB1	Sim. Fui procurar mais sobre o Equador, suas culturas, economias, geografia, história e muito mais.	
IB2	Sim, me permitiu buscar novas formas de aprender, me incentivou a buscar conhecimento de uma forma geral.	
IB3	Sim. Pode dar algumas ideias de conversa apesar da timidez.	
IB4	Exercitou sim. Procurei conhecer sites que me permitisse aprender, planejei os diálogos, pesquisei sobre o país da pessoa com quem eu interagi e tudo isso me deu conhecimento e aprendizado.	
IB5	Sim. Procurar assuntos que tinha dificuldades. Procurar temas que tivesse interesse para o parceiro ter atenção a gramática e a pronúncia, explorando os temas.	
IB6	De certa forma sim, pude escolher os temas a serem abordados ou simplesmente perguntar ao meu colega sobre o que ele gostaria de falar.	
IB7	Sim, com certeza. Nas traduções das palavras, nas buscas por sempre querer descobrir mais.	
IB8	Sim, principalmente quando eu faço perguntas que não sejam só "Hola qué tal?" ou "Qué estás haciendo?"	
IB9	Um pouco. Começamos a rir, mas de qualquer forma o assunto sobre o que iríamos conversar sempre era difícil de ser escolhido.	
IB10	Sim. Por que entendi que devo ter mais atitudes, e por exemplo já consigo estar mais ou menos preparada para não deixar o assunto morrer.	

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Para os interagentes, a autonomia foi exercida no preparo para as interações, quando explicam que pesquisaram sobre o país do colega, sobre dificuldades linguísticas e sobre formas de aprendizagem como afirmam os IB1, IB2 e IB3. Destacamos as respostas dos IB5 e IB6 que demonstraram preocupação com o colega durante esse processo de preparo para as conversas. Outra forma de exercitar a autonomia foi durante as interações, como nos exemplos dos IB7, IB8, IB9 e IB10. Nessas ocasiões, os participantes demonstraram dificuldade em manter a fluência na conversação e alegam exercer autonomia ao negociar temas e desenvolver melhor esses assuntos. Com base nesses dois momentos de atuação dos participantes, entendemos que a resposta mais completa é do IB4 que se mostra ativa tanto no preparo para os encontros, quanto no momento de conversação, uma vez que não demonstra dificuldades em utilizar a língua no andamento dos diálogos.

Podemos interpretar, a partir das respostas analisadas, que diferentes níveis de autonomia foram alcançados durante a execução do *Teletandem*. Com referência a Paiva (2006), fatores como o posicionamento da professora como mediadora, o uso da tecnologia, o ambiente de aprendizagem forjado pelo *Teletandem*, aspectos culturais, econômicos e políticos puderam interferir no processo de autonomia dos participantes ora favoravelmente a essa prática, ora como um desafio. Já em relação à aprendizagem colaborativa, entendemos que em alguns momentos houve

de fato um trabalho em conjunto, porém, na maior parte das respostas identificamos uma ação cooperativa, como define Coser (2014), no sentido de haver disposição para alcançar resultados e propiciar uma interação agradável, mas não exatamente uma ação coordenada negociando significados e o andamento do processo de aprendizagem.

Os aspectos de agenciamento presentes na proposta do *Teletandem* se evidenciaram não como um elemento proeminente nas interações, mas na interpolação discursiva como defini Jordão (2010). Menos do que um plano, uma busca de resultados, uma definição específica de onde se quer chegar, as posturas de agenciamento se concretizaram na transformação dos participantes na medida em que se engajavam no processo de aprendizagem a partir do contexto proposto, e ao mesmo tempo desafiavam esse contextos e a si mesmos na aprendizagem da LE.

Nesse sentido, a apropriação da língua espanhola e das práticas de linguagem no contato com o interlocutor também podem ser vistas como formas de agenciamento, uma vez que criam representações de si, do outro e da LE, em um processo de desvelamento de um universo que vai se desentrançando. Desse modo, a LE pode se tornar mais uma forma de ação no mundo, ampliando as possibilidades de agencia a partir da linguagem no meio social.

Segundo Garcia (2012, p. 486) “no escopo do *teletandem*, a autonomia implica a responsabilidade pelo aprendizado e, a partir desta se desencadeiam os ajustes e as tentativas de conciliação de agendas, horários, critérios e procedimentos”. Entendemos que as questões práticas na execução do *Teletandem* sejam uma primeira etapa para o amadurecimento da prática autônoma, todavia essa proposta de aprendizagem exige a progressão da autonomia para âmbitos sociais, afetivos, motivacionais, linguísticos, no uso das tecnologias disponíveis, na autogestão quanto aprendizes e podendo se desdobrar para outras áreas da vida. Essa progressão de ações propicia as posturas de agenciamento e podem seguir o viés colaborativo.

CONCLUSÃO

Diante do exposto, é possível concluir, que do ponto de vista dos participantes do *Teletandem* na UFS, essa proposta de interação é propícia para o desenvolvimento da autonomia em relação à organização e disciplina para o estudo; ao incentivo de buscar diferentes formas de aprendizagem além da sala de aula, seja através de pesquisas independentes ou no contato

com o outro; e na prática espontânea da LE. Entretanto, a colaboração não aparece como uma característica marcante da ação autônoma, nas repostas apresentadas. Assim, de forma geral, a autonomia ainda não é vista como uma ação complexa, mas como atitudes pontuais e independentes.

Entender a autonomia como um processo complexo é muito importante no contexto do *Teletandem*, pois como vimos não se trata de aprender sozinho, mas de aprender junto; não se trata de aprender apenas o que interessa à um participante, mas de negociar o andamento do processo como um todo, desde a preparação até a execução das conversas; e por fim é um ambiente que proporciona a troca linguística, tanto no conhecimento de seu sistema e uso, quanto na performance da fala como expressão e comunicação. Dessa forma, a autonomia e a colaboração são aspectos indispensáveis para que habilidades linguísticas, pessoais e coletivas sejam alcançadas. De igual maneira, as posturas de agenciamento são inerentes à proposta e devem emergir ao longo do processo conforme cada participante de desenvolve.

Desse modo, entendemos que embora o conceito de autonomia, e suas implicações tenham sido discutidas no minicurso preparatório e enfatizadas ao longo dos encontros, bem como a aprendizagem colaborativa e o agenciamento tenham sido incentivados durante as interações, é necessário um maior acompanhamento das parcerias para junto com os interagentes identificar suas próprias habilidades que podem desencadear uma aprendizagem autônoma. Esse trabalho pode ocorrer através da mediação, pouco explorada na aplicação do projeto piloto, devido ao limite de tempo imposto para a pesquisa, porém de essencial importância para a autorreflexão dos participantes sobre seu próprio desempenho.

ABSTRACT

This work follows Applied Linguistics practices by putting together education and digital technology as components of knowledge building and thinking about the use of cyberspace for teaching foreign languages (LEFFA, 2002; LA CORTE, 2015). Thus, we have developed a pilot project at the Federal University of Sergipe for the practice of Teletandem between Brazilian undergraduate students in Languages/Spanish and Ecuadorian students of the course: Portuguese for Foreigners. In this work, we analyze participants perspectives regarding the principle of autonomy (PAIVA, 2006) and its implication in the development of oral expression and agency (JORDÃO, 2010), based on the assumptions of collaborative learning (COSER, 2014). It is a qualitative research, exploratory and methodologically classified as a case study (GIL, 2002). Results has shown that different levels of autonomy were achieved

during the execution of Teletandem, when it comes to the organization and discipline for the study; encouraging different forms of learning beyond classroom, whether through independent research or through contact with others; and in the spontaneous practice of Spanish. We understand that these acting may be clues of the raising in awareness needed in order to reach the agency as language learners, undergraduate students or even as a social environment way of acting.

Keywords: Oral expression, Spanish, Autonomy, Collaborative Learning.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Solange; CAVALARI, Suzi M. S.; A trajetória do projeto teletandem brasil: da modalidade institucional não-integrada à institucional integrada. **ESpecialist**, v. 35, n. 2 p. 183-201. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/esp/article/view/21467/15694>. Acesso em: 10 mar. 2019.

COSER, Débora Secolim. **Galanet versus Busuu: um estudo comparativo das mediações tecnológicas e político-pedagógicas em dois ambientes de aprendizagem colaborativa de línguas**. 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

FIGUEIREDO, Francisco J. Quaresma; SILVA, Suelene Vaz da. Do Tandem ao Teletandem: Estudos sobre o uso da colaboração na aprendizagem de línguas em contexto virtual. In: JORDÃO, Clarissa M. (Org.). **A Linguística Aplicada no Brasil: rumos e passagens**. Campinas: Pontes, 2016. p. 17-58.

GARCIA, Daniela. N. M. Ensino/Aprendizagem de línguas em teletandem: espaços para autonomia e reflexão. **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, 41 (2): p. 481-494, maio-ago 2012. Disponível em: http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/41/el.2012v2_t08.red6.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.

GIL, Antônio C. 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORDÃO, Clarissa Menezes. A posição de professor de inglês no Brasil: hibridismo, identidade e agência. **R. Let. & Let.** Uberlândia-MG v.26 n.2 p. 427-442 jul./dez. 2010.

LA CORTE, Raquel dos Santos. **Sujeito-língua-tecnologia: Marcas de uma relação complexa em enunciados produzidos em diferentes práticas de ensino/aprendizagem de espanhol (EAD e presencial) em meio digital.** Tese de doutorado - Universidade de São Paulo. 2015.

LEFFA, V. J. O ensino de línguas estrangeiras nas comunidades virtuais. In: IV SEMINÁRIO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, 2001, Goiânia. **Anais** do IV Seminário de Línguas Estrangeiras. Goiânia: UFG, 2002. v. 1, p. 95-108.

PAIVA, Vera Lúcia M.O. Autonomia e complexidade. **Linguagem & Ensino**, v. 9, n. 1, 2006. p. 77-127. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/176/143>. Acesso em: 10 mar. 2019.

TELLES, João A. FERREIRA, Michael J. Teletandem: Possibilidades, dificuldades e abrangência de um projeto de comunicação on-line de PLE. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n.2, p. 79-104, 2010. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/899>. Acesso em: 1 mar. 2019.

VASSALLO, Maria L; TELLES, João A. Ensino e aprendizagem de línguas em tandem: princípios teóricos e perspectivas de pesquisa. In: TELLES, João A. (Org.) **Teletandem: Um contexto virtual, autônomo e colaborativo para aprendizagem de línguas estrangeiras no século XXI.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.